

Carmen Rial
Universidade Federal de Santa Catarina

Guerra de imagens e imagens da guerra: estupro e sacrifício na Guerra do Iraque

Resumo: *O artigo aborda um dos grandes silêncios da mídia global: o caso dos estupros de mulheres muçulmanas por soldados e mercenários norte-americanos no Iraque, através da análise das imagens dessas violências. O mediascape contemporâneo é um dos mais prolixos. No entanto, silêncios permanecem como estes – e outros – estupros de guerra. Com uma abordagem antropológica do significado da guerra, o artigo enfoca também a participação e as imagens das mulheres neste espaço masculino que é a guerra.*

Palavras-chave: guerra; estupro; fotografia; sacrifício.

Copyright © 2007 by Revista Estudos Feministas.

¹ A condição para que um acontecimento torne-se evento é a "pertinência do acontecimento para o resultado final" (Marshall SAHLINS, 2004, p. 128, tradução minha).

² Entendemos estupro aqui tal como é definido em um relatório das Nações Unidas: "a introdução pela força, pela imposição ou violência de um objeto qualquer, entre os quais mas não exclusivamente, um pênis na vagina ou no ânus da vítima, ou um pênis na boca da vítima, esta podendo ser tanto em um homem como uma mulher" (Radhika COOMARASWAMY, 1998, tradução minha). Desse modo, estupro refere-se aqui ao que em inglês se diz *rape* e em francês *viol*. Não corresponde, portanto, à noção jurídica brasileira de estupro (artigo 213 do Código Penal) segundo a qual

Este artigo trata das representações na mídia (e da ausência de representações) de mulheres esturpadas por soldados na recente Guerra do Iraque. Ele é parte de uma pesquisa mais abrangente sobre as imagens televisivas no pós-evento¹ 11 de setembro, onde comparo as transmissões de diferentes canais televisivos, de diferentes países, dos mesmos acontecimentos, transmitidos globalmente e ao vivo. Ao interpelar o eloquente silêncio da mídia em relação aos estupros² de mulheres civis e de combatentes nessa e em outras situações de conflito armado, estarei, pois, tratando aqui de relações de gênero em um *gênero*, o jornalístico, que tem sido vagamente abordado, porque em geral as análises das representações de relações de gênero na mídia têm privilegiado principalmente o cinema narrativo, as telenovelas e as publicidades – seja através da metodologia que for: estudos de audiência, pesquisas de produção, análises de texto ou etnográficas de tela, entre outras.³

A cobertura jornalística do evento 11 de setembro é tomada aqui como um ponto de ruptura no *mediascape* ou panorama midiático⁴ na medida em que instaura modos

estupro é “constranger mulher à conjunção carnal, mediante violência ou grave ameaça”, mas onde está prevista a introdução do pênis na vagina, desconsiderando as outras formas de violação, como a introdução de outros objetos na vagina ou do pênis no ânus ou na boca. Estas outras formas de agressão sexual são consideradas pelo Código Penal como “atentado violento ao pudor” (artigo 214).

³ O I Simpósio Brasileiro de Gênero & Mídia, em Curitiba, evidenciou que, no promissor intercruzamento entre os estudos de mídia e os estudos de gênero, há uma aguda concentração de trabalhos em alguma mídias e em alguns gêneros na mídia. Este texto foi apresentado como uma das conferências desse simpósio, donde meus agradecimentos pelo convite às colegas Marília Gomes de Carvalho, Miriam Adelman, Marlene Tamanini; a Cristina Rocha e ao doutorando Ronaldo de Oliveira Corrêa.

⁴ Arjun APPADURAI, 1990.

⁵ Pierre BOURDIEU, 1996.

⁶ *Uniting and Strengthening America by Providing Appropriate Tools Required to Intercept and Obstruct Terrorism Act of 2001*, conhecido como Patriot Act, é uma lei federal que estende os poderes da lei americana nos Estados Unidos e no exterior, restringindo dramaticamente os direitos civis. Para mais informações, ver http://en.wikipedia.org/wiki/USA_PATRIOT_Act.

⁷ Jean BAUDRILLARD, 1967, 1972, 1983, 1985, 1991 e 1999, ou Paul VIRILIO, 1977, 1993 e 1999.

⁸ APPADURAI, 1990. Para uma revisão da trajetória histórica e os diferentes usos da noção de imaginação, ver Gilka GIRARDELLO, 1998.

⁹ “Globalização” está sendo usado no sentido anglo-saxão do termo, abrangendo tanto a disseminação planetária de bens econômicos quanto a de bens culturais, não se fazendo aqui a distinção dos franceses entre um fluxo econômico (globalização) e um cultural (mundialização).

¹⁰ Benedict ANDERSON, 1991.

de lidar com as notícias guiados por interesses externos ao *campo jornalístico*,⁵ especialmente nos Estados Unidos, onde se promulga o chamado *Patriotic Act*,⁶ fazendo com que a “segurança nacional” em uma “guerra ao terrorismo” altere as relações dos jornalistas com os acontecimentos. Para pensar a relação entre mídia e gênero, gostaria de contextualizar brevemente o panorama midiático atual.

O mediascape

Ninguém ousaria discordar que os meios eletrônicos de difusão (que abrangem TV, vídeo, cinema, computador, telefone), ainda que não estejam transformando as relações sociais de um modo radicalmente novo, como querem alguns pensadores,⁷ têm impactos distintos do que o dos meios de comunicação de massa na era do impresso. Do mesmo modo, seria extravagante abordá-los sem considerá-los a partir de uma perspectiva global que leve em conta a penetrante e alargada circulação dos fluxos midiáticos. Sem dúvida, a mídia eletrônica localiza-se hoje no centro do intenso trabalho da imaginação, central na construção das subjetividades contemporâneas. A imaginação, no sentido atribuído por Arjun Appadurai a esta noção,⁸ é o que faz com que os grupos sociais, localizados ou deslocados, re-elaborem internamente os bens e principalmente as imagens que circulam nos constantes fluxos planetários. O argumento constrói assim a mídia eletrônica hoje como sendo a grande propulsora de um mundo globalizado,⁹ assumindo assim o papel que tiveram em outros tempos outras modalidades culturais particulares, como os impressos (o livro, o jornal impresso), tidos como grandes propulsores do surgimento das nações.¹⁰ Dito de outro modo, a mídia eletrônica está hoje para a globalização assim como a mídia impressa esteve para a nação. A imaginação seria o modo de os agentes sociais manterem-se sujeitos, re-organizando, ativa e constantemente, as imagens recebidas da mídia.

Concomitantemente às inovações tecnológicas, aos realinhamentos industriais e às modificações nas regulamentações da mídia se produziram mudanças na paisagem audiovisual. Até os anos 70, somente três regiões do mundo (América do Norte, América Latina e Austrália) tinham sistemas mistos de *broadcasting*, combinando setores públicos e privados. As outras apresentavam sistemas fortemente regulados e protegidos da competição, seja pelo Estado diretamente (Ásia e Oriente Médio), seja por serviços públicos (Europa). As mudanças na indústria televisiva ocorreram aí e também na rápida multiplicação do número de canais acessíveis, especialmente os fechados.¹¹

¹¹ Ien ANG, 1996, projeta que, com a entrada da televisão interativa nos lares dos Estados Unidos, o consumidor terá em breve uma escolha entre 7 e 14 mil programas por semana.

¹² Na feliz expressão de John SINCLAIR, Elizabeth JACKA e Stuart CUNNINGHAM, 1996.

Não há dúvida de que o satélite agiu como o “cavalo de Tróia”¹² da expansão global da mídia eletrônica. As centenas de novos canais pequenos, especializados, localizados, existentes hoje permitiram atingir minorias e criaram comunidades de audiência – talvez fosse mais correto falar em subcomunidades – em bases nacionais e transnacionais. Essa fértil proliferação incentivou também a expansão dos produtores de programas, de modo que a TV no mundo já não é, como no início da indústria televisiva, dependente exclusivamente da importação de produtos dos Estados Unidos. A popularidade dos videocassetes, e mais recentemente das câmeras portáteis, não apenas nos países centrais mas também nos periféricos, começou a desestabilizar os arranjos institucionais e tecnológicos do sistema televisual centralizado que estavam estáveis há anos.

As transformações no *mediascape* que se iniciaram já ao final dos anos 70 relacionavam-se assim com a aceleração dos fenômenos da globalização e coincidiram com as mudanças nos padrões geopolíticos, entre as quais o enfraquecimento das fronteiras nacionais, a queda dos regimes comunistas e a ascensão de economias asiáticas com a integração de grandes populações nos fluxos midiáticos hegemônicos.

Descentralização, fragmentação, decréscimo da censura, lutas por representação identitárias são palavras-chave para se pensar o *mediascape* atual e, neste, as representações das relações de gênero.

Paradigmas como os do imperialismo cultural deixam de ser explicativos diante de uma batalha pela audiência que inclui necessariamente produções *locais*. Importante sublinhar aqui: a televisão tem sido um veículo muito mais *local* do que *global* desde os seus inícios, como revelam as pesquisas sobre audiência que apontam os programas locais como os mais assistidos, isso em muitos países.¹³ Local é entendido aqui como não necessariamente territorializado, pois os estudos de emigração têm apontado como os VCR (os videocassetes) e os canais por satélite são acionados pelos grupos de emigrantes para se manterem “em casa” quando no exterior.

Porém, reconhecer a importância hegemônica de alguns centros na produção e difusão de bens culturais, em geral, e da mídia eletrônica, em particular, não deve significar a retomada das teorias que se fundam na tese de um imperialismo cultural de mão única: dos Estados Unidos, principalmente, mas também da Europa (e, nesta, da Inglaterra) para o resto do mundo. Até porque a televisão feita hoje nos Estados Unidos é ela também crescentemente etnizada, seja pelos hispânicos e seus canais em espanhol, seja pelos asiáticos que hoje são parte integrante de

¹³ No Brasil, sabe-se que há anos a *Novela das 8* e o *Jornal Nacional* estão entre os mais assistidos.

¹⁴ SINCLAIR, JACKA e CUNNINGHAM, 1996.

¹⁵ Tapio VARIS, 1984.

¹⁶ APPADURAI, 1990 e 2001.

¹⁷ Marshall MCLUHAN, 1964a, 1964b, 1969 e 1973.

¹⁸ A tese central de Billig é a de que somos cotidianamente lembrados do nosso lugar nacional em um mundo formado por nações, de modos tão familiares e contínuos que se tornam banais, inconscientes. "A imagem metonímica do nacionalismo banal não é a bandeira conscientemente balançada com fervorosa paixão, é a bandeira despercebida dos prédios públicos" (BILLIG, 1995, p. 8, tradução minha).

¹⁹ ANDERSON, 2005.

Hollywood. Novos paradigmas contestam o "one-way street", a visão dicotomizada das teorias do imperialismo cultural, de países centrais *versus* o Terceiro Mundo,¹⁴ e apontam para a importância dos fluxos regionais, internos a regiões geolinguísticas e culturais.¹⁵ E não tão novos paradigmas já nos mostraram o quanto essa dominação está limitada por mediações que implicam re-elaborações simbólicas das mensagens transmitidas, resultado de um trabalho da imaginação.

As teorias do imperialismo cultural são menos eficazes para explicar o *mediascape* que lhes escapa, o que não significa assumir a posição ingênua e neoliberal pro-"livre fluxo" dos bens-culturais, como defende o governo americano, que sabe serem as exportações de produtos culturais as maiores fontes de divisas para a economia norte-americana, atrás apenas da indústria aeroespacial.

Appadurai¹⁶ ajuda a entender certos movimentos cosmopolitas contra-hegemônicos, e aponta para a importância dos fluxos globais da mídia eletrônica e a possibilidade de formação de comunidades transnacionais.

Alternativamente, é necessário relativizar a tese grandiosa da mídia eletrônica como produzindo a *aldeia global* mcluhaniana.¹⁷ É muito cedo para se falar em uma era pós-nacional, com o fim das fronteiras nacionais e a emergência de uma comunidade global imaginada. Ao contrário, os trabalhos recentes de Michael Billig,¹⁸ assim como as etnografias sobre emigrantes (que seriam as populações paradigmáticas deste novo *ethnoscape*), têm mostrado que o sentimento nacional ressurge com mais força ainda na diáspora; a velha nação não apenas permanece mas se reforça de modos inéditos. Um bom exemplo dessa eloquente permanência do sentimento nacional, relatado por Benedict Anderson¹⁹ recentemente, foi protagonizado por descendentes de emigrantes irlandeses, católicos. Segundo a história de Anderson, os norte-americanos/irlandeses do movimento gay e lésbico almejavam participar do desfile de St. Patrick's Day que se realiza todos os anos em Nova York em homenagem ao santo padroeiro dos irlandeses, e que se constitui no momento mais intenso de reafirmação da identidade irlandesa para esses emigrantes e descendentes de emigrantes. Os organizadores católicos da parada, porém, rejeitaram firmemente essa participação alegando que, se eles eram gays e lésbicas, então não podiam ser, concomitantemente, católicos. Chocados com a exclusão, os representantes do movimento gay e lésbico decidiram consultar os líderes religiosos católicos da cidadezinha de onde originalmente vieram muitos dos seus ascendentes e lá, surpresa, os líderes religiosos se pronunciaram

favoravelmente a essa participação. Contando agora com a aprovação dos líderes católicos da Irlanda e revigorados por esse eminente apoio, os representantes do movimento gay e lésbico retornaram aos dirigentes da parada em Nova York e qual não foi seu espanto quando estes reafirmaram a negativa enunciando que os católicos da cidadezinha na Irlanda já não eram genuinamente irlandeses, uma vez que a Irlanda tinha aderido à Europa, e que os verdadeiros irlandeses agora estavam nos Estados Unidos...

Essa anedota verídica reforça as conclusões de estudos de recepção que têm apontado para o fato de que os grupos de emigrantes (e descendentes de emigrantes) tendem a ser muito mais centrados nas notícias do que se passa no seu país de origem do que os seus conterrâneos que permaneceram na nação, pois, enquanto os que ficaram no país assistem a programas variados, onde o noticiário nacional convive com o noticiário internacional, os emigrantes e seus descendentes centram-se mais nas notícias internas ao país de origem. Os episódios de bombardeamento em Londres em 2005, perpetrados por ingleses da segunda geração de emigrantes paquistaneses, reforçam essa idéia mostrando algumas conseqüências imprevistas – e trágicas – desse fluxo midiático global estreitamente localizado que são os sites de internet fundamentalistas.

O feminismo, sendo uma cosmopolítica, deve estar especialmente atento às contradições e possibilidades abertas hoje neste *mediascape*.

A guerra

Os estudos realizados sobre guerras entre nações e conflitos armados em sociedades contemporâneas mostram a ascensão inflexível das mulheres ao palco de luta.²⁰ E o binômio mulher e guerra não remete exclusivamente ao rapto, como em muitas sociedades tradicionais, mas também ao casamento e à domesticidade forçada, à troca de favores sexuais por proteção ou bens necessários à sobrevivência, à prostituição obrigatória e ao estupro tal como observados em diversas situações, tempos e em regiões do mundo tão diversas quanto Uganda, Libéria, Angola, China, Coreia e América Latina. O livro da jornalista Karima Guenivet²¹ fornece inúmeros exemplos de constrangimentos afligidos às mulheres em situações de conflito armado. Em Angola, jovens raptadas seriam casadas com homens rebeldes, como retribuição às suas contribuições ao combate; se o combatente morre, a jovem é casada com um outro e assim por diante. Grupos rebeldes como o Sendero Luminoso, na

²⁰ A bibliografia antropológica sobre a guerra em sociedades tradicionais é extensa. Há menos desses estudos em sociedades complexas moderno-contemporâneas – o fabuloso *On War*, de Carl Von Clausewitz, 1982, livro clássico sobre guerra, insere-se no campo da sociologia política –, mas é preciso assinalar que etnografias foram apropriadas por Estados em guerra, a revelia de seus autores (Georges Condominas, 1957) ou não (Ruth Benedict, 1972), a ponto de, reconhecendo a ameaça dessa apropriação e suas conseqüências nefastas para as populações etnografadas, a respeitada Associação Americana de Antropologia (AAA), em uma de suas reuniões que coincidiram com a guerra no Vietnã, sugeriu aos sócios medidas para evitar que os conhecimentos etnográficos sobre as populações do Vietnã e do Camboja pudessem vir a ser usados contra esses povos.

²¹ GUENIVET, 2001.

América Latina, utilizariam as mulheres para cozinhar, cuidar dos feridos e lavar a roupa. Elas podem também ser constrangidas a contribuir sexualmente ao “esforço de guerra”, prostituindo-se – uma prostituição forçada em que, diferentemente da escravidão sexual, o combatente se torna um proxeneta e ganha dinheiro que será reinvestido na guerra.

Se por um lado não há novidade no fato de as mulheres continuarem sendo objeto de agressões por parte dos inimigos (e também dos aliados), por outro, é uma extraordinária novidade o seu recente protagonismo na luta, integrando e dirigindo exércitos. Não mais como butim e sim como enfermeiras, inicialmente, para depois pegar em armas, como quando de sua participação na luta armada da esquerda em alguns de países na América Latina,²² integrando exércitos nacionais, dirigindo prisões,²³ como mártires em atentados a bomba (na Palestina como na Chechênia) ou em cargos de chefia (Ministra da Defesa na França e no Chile, Ministra de Segurança Nacional nos Estados Unidos).

O estupro

Assim como não há novidade nas guerras hoje também não há novidade nos estupros de guerra, pelo menos não em estupros tais como os perpetrados no Iraque por homens em uniforme do exército norte-americano. Por que então redigir um ensaio sobre o tema? Para tentar compreender, não o excepcional, mas o corriqueiro. Para ir além de uma simples denúncia e buscar uma reflexão sobre o ato e sobre o silêncio da mídia diante dele. O que espanta, talvez, seja o grande silêncio em torno desse tema que só aos poucos vai sendo abordado, ainda assim em relatórios das Nações Unidas, livros e artigos acadêmicos mais do que no *mediascape*. Tragicamente, a violência contra as mulheres nos conflitos armados aparece como uma preocupação restrita a uma parte bem localizada da comunidade internacional, próxima do ideário do movimento feminista.

Difícil explicar esse silêncio no *mediascape*, dados os intensos fluxos de informações, um silêncio que contrasta com a ampla divulgação das torturas da prisão de Abud Grahیب ou com a não tão ampla sobre as do campo de concentração de Guantánamo, tratadas, no entanto, sob o termo menos contundente de “humilhações”. Difícil de compreender, não fosse ele perversamente o eco do silêncio das próprias vítimas. Eu mesma hesito entre mostrar ou não as imagens desses abusos sexuais, e teria preferido apenas evocá-las, por todas as questões éticas envolvendo

²² Cristina WOLFF, 2006.

²³ “Três dos torturadores – Megan Ambuhl, Lynndie England e Sabrina Harman, tão fundamentais para a narrativa pictórica – são mulheres brancas. A Brigadeiro-General Janis Karpinski, encarregada das prisões no Iraque, também é uma mulher branca. E também o é a Major-General Barbara Fast, oficial superior da Inteligência dos Estados Unidos, que reviu a situação das detentas. Condoleezza Rice, Conselheira de Segurança Nacional do Presidente, torna o quadro mais complexo por ser uma mulher negra” (Zillah EISENSTEIN, 2004, tradução de Maria Isabel de Castro Lima).

²⁴ Cornelia ECKERT e Nuno GODOLPHIM, 1995.

²⁵ JAGGAR, 2004.

²⁶ SHOHAT e STAM, 2006, p. 63.

²⁷ "Em uma cena do filme *O Sheik*, mulheres árabes – algumas delas negras – literalmente lutam para conquistar o homem oriental" (SHOHAT e STAM, 2006, p. 63).

²⁸ SHOHAT e STAM, 2006, p. 63-64.

o respeito à imagem do Outro sobre as quais a Antropologia Visual tem se debruçado.²⁴ Minhas sondagens informais, no entanto, mostram que pouquíssimos sabem da existência de estupros no Iraque e menos ainda acessaram as fotos divulgadas na Internet. Ou seja, tudo se passa bem ao contrário do que ocorreu com a afro-muçulmana Mina, quando os Ocidentais foram clamados a salvar da brutalidade dos homens negros, prontos a lapidá-la, e que teve seu nome e história amplamente difundidos pela Internet, suscitando campanha humanista em sua defesa, como nos mostrou Alison Jaggar.²⁵ Não é o estupro que é silenciado; ao contrário, o tropos do estupro (e do resgate) foi calcado no imaginário Ocidental pelo cinema, desde os seus inícios: *O nascimento de uma nação*, *O último dos moicanos*, *Ao rufar dos tambores*, *Rastros de ódio* apresentam todos cenas onde mulheres são ameaçadas de estupro e resgatadas das mãos de homens negros. Pois, como apontam Ella Shohat e Robert Stam,

No âmbito do discurso colonial, o *tópos* do resgate ocupa um lugar estratégico em relação à batalha da representação. O imaginário ocidental não apenas vê metaforicamente a terra colonizada como a mulher que deve ser resgatada da sua desordem mental e da desordem do meio ambiente, mas prioriza narrativas de resgate mais literais, sobretudo de mulheres ocidentais e não ocidentais sob o domínio de árabes polígamos, negros libidinosos e "machos" latinos.²⁶

Não todas as mulheres, evidentemente. As mulheres orientais não necessitam resgate, pois são vistas e retratadas como apresentando um enorme apetite sexual,²⁷ o que torna o estupro impossível.

A dicotomia quente/frio sugere três axiomas interdependentes em relação à política sexual do discurso colonial. Em primeiro lugar, acredita-se que a interação sexual entre homens negros e árabes e mulheres brancas *somente* pode acontecer através do estupro (visto que, naturalmente, mulheres brancas não desejam homens negros ou árabes). O segundo axioma afirma que a interação sexual entre homens brancos e mulheres negras ou árabes *não pode* resultar em estupro (pois mulheres negras ou árabes são naturalmente "quentes" e desejam o senhor branco). Finalmente, a terceira premissa sustenta que a interação entre homens e mulheres de descendência negra ou árabe não pode resultar em estupro visto que ambos são "quentes" por natureza.²⁸

O recente filme *Jerusalém* (de Dominique Lapierre e Larry Collins) confirma esse silêncio padrão, pois, apesar de mostrar corpos de civis árabes,

em nenhum momento fica claro que Deir Yassin foi apenas um dos muitos vilarejos nos quais os habitantes foram massacrados – este foi especialmente o caso na Galiléia – e as mulheres estupradas pelos soldados judeus. Os “novos” historiadores de Israel, corajosamente, já divulgaram estes fatos, junto com a irrefutável evidência de que estes serviram aos propósitos de Israel de desalojar 750.000 palestinos de seus lares, naquele lugar que era para se tornar Israel. O historiador israelita Avi Shlaim se referiu valentemente a esse período como uma época de “limpeza étnica”.²⁹

²⁹ Robert FISK, 2006, tradução de Maria Isabel de Castro Lima. Agradeço a Marcos Lanna por esse texto.

Muitas das mulheres iraquianas (árabes e muçulmanas) estupradas por homens ocidentais não têm nome, não se fala das atrocidades cometidas contra elas e seus algozes permanecem incógnitos embora vistam uniformes com insígnias reconhecíveis.

Há dezenas de narrativas, a maioria proveniente das próprias mulheres estupradas, com descrições detalhadas das agressões e precisões dos abusos sexuais, em relatórios de respeitáveis observadores das Nações Unidas e repórteres de ONGs atuando no Iraque (como a Cruz Vermelha e a Human Rights Watch) que estranhamente permanecem ausentes do tão loquaz *mediandscape*. Quem ouviu falar do estupro de uma iraquiana-inglesa quando de sua visita a parentes em Bagdá? Ou do estupro de uma menina de apenas 9 anos perpetrado por soldados norte-americanos (ou por mercenários do exército norte-americano)? E os depoimentos de mulheres violadas parecem não ser em maior número pela trágica circunstância de que muitas delas escolhem o suicídio ao retorno às suas famílias, pelas razões que veremos a seguir.

A mídia televisiva e impressa cala, com fugazes exceções. A revista norte-americana *Newsweek*, no seu número de 10 a 17 de maio de 2004, fez uma discreta referência, de passagem, a estupro, mas estes teriam sido cometidos na prisão de Abu Ghraib. *Newsweek* revelou e forneceu maiores precisões sobre a existência de fotos mantidas em segredo que incluem “um soldado americano fazendo sexo com uma prisioneira iraquiana e soldados norte-americanos assistindo a iraquianos terem sexo com jovens” homens, que teriam sido vistas pelos congressistas americanos quando das investigações iniciais do escândalo dos abusos de Abu Ghraib. Porém, pouco é dito sobre os estupro.³⁰ Mais recentemente, um artigo publicado no dia 4 de julho no jornal *New York Times* destaca a existência de fotos de um corpo queimado, entre as evidências apresentadas no processo contra um ex-soldado norte-americano que, juntamente com outros, estupro uma jovem iraquiana e assassinou seus familiares.³¹

³⁰ Neela BANERJEE, 2003.

³¹ “Autoridades americanas disseram que não puderam confirmar que a casa tenha sido incendiada por soldados. Mas o documento menciona fotografias da cena do crime, incluindo uma que mostra um ‘corpo queimado’” (David CLOUD e Kirk SEMPLE, 2006, tradução de Maria Isabel de Castro Lima).

O material empírico que tenho usado nesta pesquisa sobre os estupros no Iraque está disponível para qualquer um que queira acessá-lo na Internet; as narrativas que descrevem os estupros de mulheres constam de relatórios das Nações Unidas e as fotos circularam no ciberespaço – mais precisamente, foram difundidas em sites pornográficos da Hungria e dos Estados Unidos e publicadas no site de um jornal anti-americano do México, *La Voz de Aztlan*,³² no dia 6 de maio de 2004, onde as acessei através do site de um servidor bem conhecido, o AOL, que manteve o link no ar por um dia antes de retirá-lo. Foram publicadas também de modo impresso, no *The Boston Globe*, jornal do grupo New York Time, no dia 12 de maio de 2004, mas quase imediatamente desacreditadas pelo editorial de Martin Baron, que considerou sua publicação um erro por não terem sido autenticadas pelas autoridades norte-americanas. Segundo *La Voz de Aztlan*, o jornal teria recebido as fotos de um soldado mexicano-americano que preferiu permanecer no anonimato. Conforme lemos na matéria, centenas dessas e de outras horríveis fotos de estupro circularam (e ainda circulam) no Iraque, entre os soldados ocidentais, trocadas entre eles como se fosse inocentes *basebal cards*, figurinhas de jogadores de basebol. Muitas teriam sido apreendidas e destruídas pelas autoridades americanas em setembro de 2004 quando da inspeção da bagagem de soldados que retornavam aos Estados Unidos.

As fotos (que não publicaremos aqui, acessíveis no link <http://www.cfh.ufsc.br/~navi/iraque.swf>) mostram a brutalidade do estupro de duas mulheres iraquianas cometido, segundo o jornal, por um grupo de soldados da Inteligência norte-americana e por um grupo de soldados mercenários a serviço do exército dos Estados Unidos.

Convém nos determos no exame dessas fotos.

O que vemos na foto? Como analisá-la? Uma foto, como uma seqüência cinematográfica ou televisiva, é um *texto* que pode ser decifrado através do recurso a diversas metodologias. Para pensar essas fotos, me foram especialmente úteis as indicações de Roland Barthes (tanto o mais semiológico da *Mensagem fotográfica*³³ quanto o mais fenomenológico da *Câmera clara*³⁴); de Susan Sontag e de um estudioso da arte, o francês Didi-Huberman, especialmente pelas idéias desenvolvidas nos ensaios “Quatre bout de pellicule arrachés à l'enfer” e “Image-fait ou image-fétiche”,³⁶ em que propõe que a análise de uma imagem deve passar pelo escrutínio do *contexto* no qual se cria o *texto*, do *texto* e das circunstâncias em que o *texto* é usado posteriormente (os modos de lê-lo, interpretá-lo, citá-lo).

³² Ernesto CIENFUEGOS, 2004.

³³ BARTHES, 1993.

³⁴ BARTHES, 1981.

³⁵ SONTAG, 1977.

³⁶ Georges DIDI-HUBERMAN, 2003.

³⁷ BARTHES, 1981.

Vemos nas fotos estupros realizados por, no mínimo, quatro pessoas: os três homens que aparecem na fotografia e uma quarta pessoa, que bateu a foto, a uma distância muito próxima por se tratar possivelmente de câmera digital. Minha primeira observação – o primeiro *punctum*³⁷ –, o que primeiro me fere é a absoluta serenidade emocional dos homens revelada por suas posturas corporais. Os três homens aparecem calmos, controlados, como se estivessem realizando uma tarefa burocrática. Não se trata aqui, portanto, da violação de guerra cometida por soldados tornados momentaneamente insanos pelo álcool, pela onipotência e ou pela impunidade garantida; não se trata do estereótipo disseminado que associa o estupro aos impulsos dos soldados sexualmente frustrados por uma longa abstinência sexual e que assim o justifica. Há uma calma bizarra nos seus gestos, uma sobriedade que contrasta fortemente com o desespero descomedido registrado no rosto das mulheres. E que contrasta também com a satisfação sádica dos soldados que torturavam em Abu Ghraib espetacularizada em fotos que tiveram ampla divulgação. Aqui, ao contrário, não há irrupção de uma irracionalidade extática, a libido não parece ter se apossado de seus corpos; há moderação, refreamento, o foco permanente precisa o contorno dos seus corpos, como se os movimentos fossem comedidos e econômicos. A indiferença que beira o aborrecimento dos soldados diante do desvairado sofrimento das mulheres me interpelou agudamente, causando uma estranheza profunda.

Minha segunda observação dessas fotos concerne a um ponto que me intrigou por muito tempo: por que nas fotos que encontrei as mulheres estupradas estão sempre vestindo preto, portanto o *chador*? A pergunta seria irrelevante para um país onde a religião muçulmana predominasse, como é o caso, não se soubesse que o Iraque de antes da guerra, ao contrário do Afeganistão, da Arábia Saudita e de outros países do Oriente Médio, era um Estado laico e o porte do véu e da vestimenta negra mulçumana era pouco comum durante o regime ditatorial de Sadam Hussein, quando as mulheres eram livres para usarem trajes ocidentais, muitas eram formadas em universidades e ocupavam postos importantes na academia de ciências. Então, por que as mulheres estupradas eram sempre escolhidas entre as muçulmanas mais ortodoxas, as que vestem o preto?

Os relatos das vítimas que encontrei nos relatórios das Nações Unidas e de agentes de ONGs não explicavam muito. Eles indicavam que nos estupros – e há poucas narrativas de estupros, mas elas existem – a escolha da vítima parecia ter sido feita ao acaso: por exemplo, a mulher

que seria vítima de estupro estava conversando com outras mulheres na porta de sua casa, foi abordada por soldados em uniforme, os soldados a raptaram na frente das outras mulheres e partiram em um Jeep do exército sem dar explicações. As mulheres, como esta, desaparecem por algumas horas ou por dias, e depois, se retornam, vêm feridas e com marcas de tortura. Por que então a escolha das mulheres vestidas de negro nas fotos?

As hipóteses a que cheguei também não me contentaram plenamente. Poderia ser uma coincidência fundada na precaução de não ser apanhado: será que os soldados preferiam seqüestrar mulheres nos bairros populares, de periferia, por serem áreas menos vigiadas pelas forças de segurança, exatamente onde as que usam o *chador* estão mais presentes, pois ali seria mais fácil raptá-las do que no centro de Bagdá, teoricamente sujeito a um maior controle? Ou será que a escolha se devia ao fato de essas mulheres, por serem provenientes de famílias ortodoxas, presumivelmente seriam mais submissas, se calariam ou escolheriam a saída do suicídio temendo as represálias dos homens da família?

Essas suposições, fundadas em uma lógica de ordem prática, não me eram suficientes, não pareciam, de fato, justificar a escolha. Foi só mais tarde que percebi que os estupradores precisavam dessa roupa, marca religiosa e étnica, para localizar o seu ato sádico. O *chador* funcionaria aqui como símbolo do Iraque, marca diacrítica de identidade cultural – ainda que, sabemos, este é um país predominantemente laico... Antes de tudo, o traje preto parecia servir para territorializar o estupro, tendo assim uma função próxima e sendo usado do mesmo modo que os jornalistas estrangeiros no Iraque usam, como fundo nas suas reportagens, as torres de mesquita, as palmeiras e plantas exóticas ou vestem coletes beges cheios de bolsos para indicar que estão em países do Terceiro Mundo, poeirentos, de uma natureza excessiva, perigosos.³⁸ O *chador*, somado ao uniforme dos soldados, localiza o estupro: trata-se de um ato de guerra, em um país árabe – religião e etnia sendo aqui, como em muitas outras vezes, confundidas.³⁹ Além disso, sabe-se que em sistemas fundados em códigos de honra masculinos, como é o caso, as mulheres estupradas podem vir a ser sacrificadas pelos próprios familiares, muitas preferindo cometer o suicídio e fornecendo assim uma garantia maior de segurança para os seus algozes.

O preto da roupa das mulheres e o uniforme fazem do estupro um ato de guerra. Ainda assim, caberia perguntar: o que ganham os estupradores estabelecendo essa violência como um estupro de guerra? E o fotografando?

³⁸ RIAL, 2003.

³⁹ Claudia ESPINOLA, 2004 e 2005.

A roupa preta, muçulmana, atribui ao estupro o seu caráter único, o seu *hic e nunc*, o transforma em um troféu, e com isso acresce o seu valor. Um valor que não é apenas simbólico, pois aqui estamos diante de uma trágica correspondência entre o valor simbólico e o valor de troca, uma vez que também no mercado essas fotos ganham valor ao serem identificadas enquanto estupros de guerra. Tudo se passa como se, por não se tratar de um estupro qualquer (se é que é possível pensarmos nesses termos em relação a uma violência tão aguda), por sua raridade, o ato ganhasse valor no campo dos bens simbólicos;⁴⁰ as fotos tornam-se um bem-simbólico com valor econômico. Não nos esqueçamos: as fotos não foram apenas disponibilizadas na Internet; elas foram vendidas para sites pornográficos. Ou seja, o fato de serem fotos de um estupro na Guerra do Iraque as tornam simbolicamente mais carregadas de sentidos e, conseqüentemente, economicamente mais lucrativas. Ao poder fálico corresponde aqui um poder monetário, as fotos geram lucros, senão diretamente aos estupradores, a pessoas deles muito próximas: elas fazem com que as mulheres continuem a trabalhar para os seus algozes, como o gênio da lâmpada de Aladim na evocação precisa de Leach.⁴¹

⁴⁰ BORDIEU, 1974.

⁴¹ Edmund LEACH, 1980.

Outra conseqüência, não menos perversa dessa veiculação nos sites pornográficos, é a renovação perpétua da violência sofrida fisicamente. A cada acesso aos sites essas mulheres são novamente vítimas do estupro, agora de modo virtual. A foto-troféu é lembrança do triunfo sexual, numa relação de substituição: ela evoca no espírito dos espectadores o eco da potência criado no ato original. E, mais do que isso, é troféu que, *ad infinitum*, multiplicando os estupros, multiplica as vitórias na forma de dinheiro e de prestígio, pois, não nos esqueçamos, elas circulam entre os soldados como figurinhas de beisebol.

Um terceiro ponto que convém ressaltar nas fotos é a proximidade dos corpos masculinos. As fotos patenteiam essa proximidade. Vemos na primeira foto: dois homens em pé, um em frente ao outro, a mulher agachada entre eles, a mão de um deles segurando a cabeça da mulher contra o sexo do outro homem. Essa proximidade aparece igualmente em outras fotos. Na foto 2, de novo, a mão de um homem segura a cabeça da mulher contra o sexo de outro homem. Enquanto na foto 6 um dos homens penetra a mulher por trás, outro a obriga a fazer sexo oral com a ajuda das mãos de um terceiro. O ritmo do primeiro, cada vez que a penetra, repercute no segundo e no terceiro.

Arma de guerra

O estupro das mulheres pode se constituir também em uma arma de guerra. Foi assim na Guerra dos Balcãs, onde pela primeira se teve conhecimento de um projeto estatal incentivando o estupro como arma na guerra, como um projeto de “limpeza étnica”, inicialmente denunciado por Roy Gutman.⁴² Assim como ele, a antropóloga francesa Véronique Nahoum-Grappe tem refletido sobre esses estupros e mostrado que a violação sistemática constitui hoje um dado novo e inaceitável.

⁴² GUTMAN, 1992.

A guerra na ex-Yugoslávia ensinou ao mundo que o estupro poderia ser não apenas o “repouso” e o butim do guerreiro – o que já é, em si, insuportável –, mas se tornar objeto de um programa sistemático, constituindo-se numa arma de guerra e um elemento de uma estratégia militar desejada, consciente e determinada.⁴³

⁴³ NAHOUM-GRAPPE, 2003, p. 32, tradução minha.

Assim, a novidade nos estupros de guerra é o fato de essa agressão ser usada politicamente, a sua “estatização”, o fato de serem geridos por autoridades militares. “Às atrocidades ‘habituais’ cometidas por todos os exércitos do mundo (violações, torturas, pilhagens...), o regime de Milosevic acrescentou a violação organizada em campos previstos para esse efeito, e de acordo com modalidades precisas.”⁴⁴

⁴⁴ NAHOUM-GRAPPE, 2003, p. 32, tradução minha.

⁴⁵ GUENIVET, 2001.

⁴⁶ No dia 27 de junho de 1996, primeira vez na história, o tribunal penal internacional da Haia qualifica a violação contra as mulheres cometida em tempos de guerra como “crime contra a humanidade” na sequência do processo de Foca. Véronique Nahoum-Grappe, antropóloga do Centro de Estudos Transdisciplinares (CETSAH), trabalhou sobre os lugares do genocídio e testemunha sobre esses novos crimes de guerra.

⁴⁷ “De fato, de acordo com os eventos descritos no indiciamento, tanto Kunarac quanto Vukovic teriam dito a vítimas de estupros que elas gerariam bebês sérvios” (Adriana TESCARI, 2005, p. 136).

⁴⁸ NAHOUM-GRAPPE, 2003, tradução minha.

⁴⁹ “... durante a invasão da Bélgica, as agressões sexuais cometidas por soldados alemães foram tão frequentes que levaram à conclusão de que foram não somente toleradas pelos oficiais, mas encorajadas” (TESCARI, 2005, p. 39).

⁵⁰ TESCARI, 2005, p. 40.

Nos “campos de violação”, como ficaram conhecidos os locais onde esse crime era perpetrado de modo sistemático, tratava-se de conservar a mulher violada em vida e de impedi-la de abortar. Elas eram mantidas prisioneiras ali até atingirem os seis meses de gravidez.⁴⁵

Os torturadores, voluntários ou forçados, de Milosevic aplicaram escrupulosamente esse princípio. Tratava-se, através da violação política, não somente “serbacisar” o sangue não-sérvio, mas também destruir a identidade e a honra das populações visadas sujando o que elas tinham como o mais caro.⁴⁶ “O violador diz à mulher bósnia que viola: ‘Terás uma criança sérvia’.”⁴⁷ Como os fascistas espanhóis que pichavam sobre os muros: “Morreremos talvez mas as vossas mulheres darão nascimento a crianças fascistas!”⁴⁸ Num caso como no outro, o estupro é uma mensagem dos vencedores aos vencidos.

Como apontei no início, não há novidade alguma nos estupros cometidos no Iraque. Durante a Primeira Guerra Mundial os soldados alemães utilizaram o estupro, entre outras atrocidades, para impor terror às populações locais.⁴⁹ Apesar de terem sido apontados estupros em massa de mulheres francesas e belgas, “no interesse da diplomacia na Europa”⁵⁰ esses atos nunca foram a julgamento. Durante

a Segunda Guerra Mundial, a utilização do estupro foi corrente, na França, na Rússia e nos outros territórios ocupados; esses atos foram divulgados de maneira maniqueísta, negando-se o fato de que eram praticados pelos dois campos, pelos países do Eixo tanto quanto pelos países aliados. Quando da tomada de Berlim pelos soviéticos em 1945, estima-se que entre 20 e 100 mil mulheres teriam sido violadas.⁵¹ As violências sexuais ocorreram nos campos de concentração e alguns foram documentados especialmente nos de Auschwitz e de Ravensbrück: os soldados da SS assistiam à etapa de “desinfecção”, ou seja, o desnudamento das mulheres na chegada ao campo, e entre piadas escolhiam as que passariam a lhes servir sexualmente.⁵² Muitos outros estupros cometidos por soldados nazistas contra mulheres judias ficaram na obscuridade, pois, dada a Lei para Proteção do Sangue e da Honra Alemães promulgada em 1935, era vedado o contato entre alemães e judias. Já entre os aliados o ato chegou a ser oficializado, pois, nos contratos dos mercenários marroquinos que lutaram no exército francês na Itália, era explicitamente dada a permissão para pilhar e estuprar em território inimigo.⁵³

O estupro e a escravidão sexual foi corrente também na Ásia, e até hoje aguardam reparação as mais de 200 mil chinesas, coreanas, filipinas, malaíais, indonésias, tailandesas, burmanas, mulheres da então Nova Guiné, de Hong Kong e de Macau, que serviram como “mulheres de conforto” para os integrantes do exército japonês. O Tribunal Militar Internacional para o Extremo Oriente, estabelecido pelos aliados em Tóquio para julgar os criminosos de guerra, julgou 28 casos de estupro e pela primeira vez estabeleceu “o estupro como um crime de guerra. Comandantes foram considerados responsáveis por agressões sexuais cometidas por soldados sob seu comando”, mas não se considerou nenhum caso de *comfort women*.⁵⁴

No caso mais trágico, que ficou conhecido como “the rape of Nanking”, cerca de 20 mil mulheres foram estupradas e mutiladas em Nanking, durante o primeiro mês de ocupação japonesa na China, em dezembro de 1937.⁵⁵ O modo encontrado então pelo governo japonês para evitar novos estupros em massa foi estabelecer prostíbulos nos territórios ocupados, recrutando prostitutas, mas também mulheres enganadas por promessas de trabalho, raptadas ou coagidas, que eram assim estupradas diariamente.⁵⁶

Os japoneses não foram os únicos a adotar essa prática; os americanos, durante a Guerra do Vietnã e antes no Japão, estabeleceram bordéis para os militares, incentivados pelo Pentágono. Isso se somava à violência

⁵¹ Pouco se sabe sobre esses estupros, pois “a maior parte dos depoimentos disponíveis é oriunda dos julgamentos de Nuremberg, no qual somente as potências do Eixo foram julgadas” (TESCARI, 2005, p. 29).

⁵² GUENIVET, 2001, p. 20.

⁵³ TESCARI, 2005, p. 41.

⁵⁴ TESCARI, 2005, p. 46.

⁵⁵ TESCARI, 2005, p. 41.

⁵⁶ COOMARASWAMY, 1998.

⁵⁷ TESCARI, 2005, p. 48.

⁵⁸ UNITED NATIONS, 1995.

⁵⁹ GUENIVET, 2001, p. 46.

⁶⁰ UNITED NATIONS 1992.

⁶¹ GUENIVET, 2001, p. 12.

⁶² UNITED NATIONS, 2002; TESCARI, 2005, p. 46.

⁶³ Isso quando não há uma reversão total do significado do ato, com os estupradores passando a ser vistos como heróis, como ocorreu com os jogadores de futebol do Grêmio Foot-Ball Porto-Alegrense, presos por estupro na Suíça na década de 80 e recebidos como heróis em Porto Alegre depois de obterem a liberdade (Carmen RIAL e Miriam GROSSI, 1987).

⁶⁴ Sobre a participação das mulheres na luta armada no Brasil, ver WOLFF, 2006; Mirian GOLDENBERG, 1997; Albertina COSTA et al., 1980.

sexual cometida pelos soldados americanos de modo generalizado no Vietnã, onde, segundo testemunho de veteranos, “o estupro de vietnamitas era ‘procedimento operacional padrão’”.⁵⁷ Durante a guerra de independência, em Bangladesh em 1971, entre 250 e 400 mil bengalesas teriam sido violadas por soldados paquistaneses, das quais, cerca de 30 mil engravidaram;⁵⁸ na Indonésia, o esporte favorito dos soldados mobilizados no Timor era violar as mulheres diante de seus maridos e de seus filhos.⁵⁹

Durante a invasão do Kuwait pelo Iraque, em 1990, calcula-se que mais de cinco mil kuwaitianas tenham sido violadas.⁶⁰ Na Nigéria, outras mulheres conheceram o mesmo massacre, em nome da Jihad.⁶¹ Na luta pela independência de Moçambique, em meados dos anos 70, mutilações e violências sexuais cometidas pelos guerrilheiros aterrorizaram a população civil; mulheres foram raptadas, escravizadas e tiveram filhos de seus algozes. Na Libéria as agressões sexuais do tempo da guerra civil iniciada em 1989 são ainda praticadas; em Serra Leoa, soldados do governo e rebeldes têm raptado e escravizado sexualmente mulheres e meninas, e médicos estimam que cerca de 80% delas contraem doenças sexualmente transmitidas.⁶² Na República de Ruanda (onde as estimativas de mulheres estupradas variam entre 15 e 500 mil), no Congo, na República da Guiné, no Timor Leste e no Timor Oeste... os casos se sucedem em um interminável rosário de atrocidades raramente denunciadas na mídia.

Um caso cabal de não-imagem, de silêncio no *mediascape*; mas também aí não há novidade. O silêncio parece ser o estigma dos estupros e sua dupla violência, como tem sido apontado: ao abuso físico soma-se a culpabilização da vítima, fazendo com que estas prefiram, elas também, o silêncio que protege os estupradores.⁶³

Estupros por parte de militares ocorreram e se efetuam também em lugares mais próximos de nós. Durante as ditaduras militares na América Latina, nas décadas de 70 e 80, o estupro era uma das práticas de tortura sistemática e as agressões sexuais não se restringiam às mulheres – também homens militantes de esquerda foram metodicamente estuprados e até castrados. O silêncio em relação às agressões sexuais envolvendo homens foi e é ainda maior do que os estupros implicando mulheres, como se, nesses casos, a vergonha da vítima fosse ainda maior, e é significativo que, entre os numerosos estupros de homens que se imagina terem ocorrido, só tenha vindo a público o caso de um padre; de um homem, porém sem uma honra viril a exibir.⁶⁴ Com a militarização de Chiapas a partir de 1995, têm sido denunciados frequentes estupros da parte das tropas governistas contra populações indígenas.

⁶⁵ Fernando GABEIRA, 1980a e 1980b. Agradeço a Miriam Grossi por este (e outros) comentários a este artigo. Como mostra Wolff a propósito das relações e gênero entre guerrilheiros e guerrilheiras, “o fato de os homens começarem a ajudar na cozinha, renunciando a um dos símbolos máximos de seu papel de ‘macho’, e de as mulheres começarem a ter uma sexualidade mais livre, não alterava tão significativamente assim as relações de poder entre homens e mulheres” (WOLFF, 2006, p. 128, tradução minha).

⁶⁶ WOLFF, 2006, p. 136, tradução minha.

⁶⁷ NAHOUM-GRAPPE, 2003.

Lá como aqui, estamos inseridos em lógicas de honra e onde muitas vezes às mulheres impõe-se um silêncio constrangido, pois revelar sua vitimização poderia ser insuportável para os seus companheiros de esquerda, eles também compartilhando os mesmos códigos de honra e virilidade dos torturadores.⁶⁵ Como bem assinala Cristina Wolff, “Até hoje, nos relatos sobre a tortura, fica a impressão de que o mais doloroso de tudo, para os que sobreviveram, foi superar aquilo que acabaram falando, quando o verdadeiro revolucionário deveria ser capaz de todos os sacrifícios, e não falar”.⁶⁶

No caso dos estupros perpetrados nos recentes conflitos da ex-Iugoslávia, o objetivo era bem preciso: apagar a linhagem natural do povo perseguido, introduzindo o sangue estrangeiro conquistador sob forma de criança que a mulher não desejou e que não pode suprimir. Trata-se no sentido estrito de apagar uma linhagem fazendo na mulher a criança do inimigo.⁶⁷ Este é o paradoxo do genocídio iugoslavo: matar uma identidade, não apenas pela exterminação direta, mas também e sobretudo preservando a vida da vítima mulher. Esse tipo de violação tem uma intenção perfeitamente genocida – mesmo quando não mata e exatamente porque não mata. Ele atinge diretamente a mulher estuprada, e gera vítimas indiretas, pois atinge a honra de toda a família, ou mesmo da nação.

É à luz dessa interpretação que podemos compreender o suicídio de muitas das mulheres estupradas na Iugoslávia como no Iraque: entendo-o como um *sacrifício*, no sentido antropológico do conceito, no qual o ato de *sacrifício* serve para limpar o sacrificador da sujeira na qual se encontra momentaneamente.⁶⁸ Como todo sacrifício, esses suicídios apresentam os elementos de uma operação que purifica, que purga o imundo, que extirpa o que contamina. Quando a sujeira penetra de modo profundo, como a que atingiu essas mulheres, quando é amplamente incorporada, é o seu próprio corpo que tem de ser dado ao sacrifício.

Também no caso dos estupros cometidos no Iraque, a honra da família e do grupo étnico parece ter sido atingida. É sobre esse imaginário que, como a antropologia mostra, remonta a origens remotíssimas que o feminismo, enquanto cosmopolítica, deve agir, sabendo, no entanto, que não conta com a cumplicidade dos meios de comunicação de massa, pois, ainda que o *mediascape* seja fragmentado e lugar de lutas políticas identitárias de representação, ele encerra grandes silêncios. O estupro no Iraque é apenas um dentre eles.

⁶⁸ LEACH, 1980, p. 312-316.

Pós-escrito:

Escrever sobre temas da atualidade revela-se uma tarefa especialmente difícil pelo constante movimento dos acontecimentos. Ainda que tenha tentado manter atualizado o texto acima, desde a data do início de sua escritura, em 2005, alterações importantes ocorreram. A mais significativa foi a condenação do grupo de soldados americanos (Steven Green, James Barker e Paul Cortez) que participaram do estupro (já mencionado) de Abeer Qassin al-Janabi, uma menina de 14 anos, posteriormente assassinada junto com a sua família, na cidade de Mahmudiya, ao sul de Bagdá.⁶⁹ E o fato de, contrariando a tradição de silêncio, duas mulheres sunitas terem revelado na TV iraquiana seus estupros por soldados xiitas na zona militar controlada pelos americanos e pela polícia iraquiana.⁷⁰ A denúncia desses estupros no *mediascape* permanece eventual e fugaz, embora o julgamento do grupo desses soldados americanos tenha recebido cobertura mundial, o que incluiu uma aparição no *Jornal Nacional*, da Rede Globo, sob a manchete estridente de uma condenação exemplar de 100 anos de prisão – sabe-se, no entanto, que, por um acordo prévio, o estuprodo condonado à pena centenária não ficará mais do que 10 anos recluso e que a “prisão” é, de fato, uma base militar onde possivelmente ele poderia estar morando se continuasse a prestar o serviço militar. Seja como for, vítimas (e algozes) finalmente começam a ter nomes.

⁶⁹ “O prefeito iraquiano, Sr. Fadhil, disse que o corpo da vítima de estupro, Abeer Qasem Hamzeh, tinha múltiplos ferimentos de balas e queimaduras. Sua irmã, Hadeel, foi baleada na cabeça, disse ele, lendo um informe do hospital; seu pai, Qasem Hamzeh Rasheed, que estava perto de seus 45 anos, sofreu trauma craniano; e sua mãe, Fakhariya Taja Muhassain, foi baleada várias vezes (CLOUD e SEMPLE, 2006, tradução de Maria Isabel de Castro Lima).

⁷⁰ Harith al-Dhari, cabeça da Associação Sunita de Escolas Muçulmanas, revelou conhecer centenas de casos de estupro que não foram a público nos últimos dois anos: “As famílias das vítimas estão preocupadas com sua honra e reputação, então elas se preservam e oram para que deus um dia as vingue”, disse à televisão iraquiana Al-Sharqiya” (<http://www.estadao.com.br/ultimas/mundo/noticias/2007/fev/23/86.htm>).

Referências bibliográficas

- ANDERSON, Benedict R. *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*. London: Verso, 1991.
- _____. “Conferência”. In: REUNIÃO DA SBPC, 57, 2005, Fortaleza.
- ANG, Ien. “Ethnography and Radical Contextualism in Audience Studies”. In: ANG, Ien. *Living Room Wars: Rethinking Media Audiences for a Postmodern World*. London: Routledge, 1996. p. 66-81.
- APPADURAI, Arjun. “Disjuncture and Difference in the Global Cultural Economy.” In: FEATHERSTONE, Mike (ed.). *Global Culture*. London: Sage Publications, 1990. p. 295-310.
- _____. *Après le colonialisme*. Paris: Payot, 2001.
- BANERJEE, Neela. *Rape (and Silence About It) Haunts Baghdad*. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2003/07/16/international/worldspecial/16RAPE.html?ex=1144209600&en=24680685735b5ea3&ei=5070>. 2003.

- BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Lisboa: Edições 70, 1981.
_____. *Oeuvres complètes*. Paris: Editions du Seuil, 1993.
- BAUDRILLARD, Jean. "Review of Marshall McLuhan's – *Understanding Media*." *L'Homme et la Société*, n. 5, p. 227-230, 1967. Disponível em: <http://sun3.lib.uci.edu/~scctr/Wellek/ baudrillard/1967.html>.
- _____. "Réquiem pelos 'media'". In: _____. *Para uma crítica da economia política do signo*. Lisboa: Edições 70, 1972. p. 167-189.
- _____. "The Ecstasy of Communication." In: FOSTER, Hal (ed.). *The Anti-Aesthetic: Essays on Postmodern Culture*. Seattle, Washington: Bay Press, 1983. p. 126-134.
- _____. *A sombra das maiorias silenciosas: o fim do social e o surgimento das massas*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- _____. *La Guerre du Golfe n'a pas eu lieu*. Paris: Galilée, 1991.
- _____. *Tela total: mito-ironias da era do virtual e da imagem*. Porto Alegre: Sulina, 1999.
- BENEDICT, Ruth. *O crisântemo e a espada: padrões da cultura japonesa*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- BILLIG, Michael. *Banal Nationalism*. London: Sage Publications, 1995.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- _____. *Sur la television*. Paris: Liber Éditions, 1996.
- CIENFUEGOS, Ernesto. *Rape of Iraqi Girls by US Mercenaries and Soldiers was Rampant in Baghdad*. Disponível em: http://www.aztlan.net/iraqi_women_raped.htm. Acesso em: 2004.
- CLAUSEWITZ, Carl Von. *On War*. London: Penguin Classics, 1982 [1832].
- CLOUD, David S., and SEMPLE, Kirk. "Ex-G.I. Held in 4 Slayings and Rape in Iraq." *New York Times*, 4 July 2006.
- CONDOMINAS, Georges. *Nous avons mangé la Forêt*. Paris: Mercure de France, 1957.
- COOMARASWAMY, Radhika. United Nations. *Report of the Special Rapporteur on Violence against Women, its Causes and Consequences*. Doc. E/CN.4/1998/54 (26 Jan.1998).
- COSTA, Albertina de Oliveira et al. (Orgs.). *Memórias das mulheres do exílio*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Images malgré tout*. Paris: Éditions de Minuit, 2003.
- ECKERT, Cornelia; GODOLPHIM, Nuno (Orgs.). *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 1, n. 2, jul./set. 1995.
- EISENSTEIN, Zillah. *Sexual Humiliation, Gender Confusion and the Horrors at Abu Ghraib*. Disponível em: <http://www.peacewomen.org/news/Iraq/June04/ abughraib.html>. Acesso em: 2004.

- ESPINOLA, Claudia Voigt "O véu debaixo da linha do Equador: as mulheres da comunidade islâmica de Florianópolis". In: RIAL, Carmen; TONELI, Juracy (Orgs.). *Genealogias do silêncio*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2004. p. 131-152.
- _____. *O véu que (des)cobre: etnografia da comunidade árabe-muçulmana de Florianópolis*. 2005. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.
- FISK, Robert. "We've all been Veiled from the Truth: The Wretched Fiction of Iraq's 'Success' is Blair's Attempt to Make us Wear the Veil." *The Independent*, 21 Oct. 2006.
- GABEIRA, Fernando. *O que e isso, companheiro?* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980a.
- _____. *O crepúsculo do macho: depoimento*. 6. ed. Rio de Janeiro, Codecri, 1980b.
- GIRARDELLO, Gilka Elvira Ponzi. *Televisão e imaginação infantil: histórias da Costa da Lagoa*. 1998. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade de São Paulo, 1998.
- GOLDENBERG, Mirian. "Mulheres & Militantes". *Revista Estudos Feministas*, ano 5, n. 2, p. 349-364, 1997.
- GUENIVET, Karima. *Violences sexuelles: la nouvelle arme de guerre*. Paris: Éditions Michalon, 2001.
- GUTMAN, Roy. "The Rapes of Bosnia: We Want to World to Know – Systematic Assault on Thousands of Muslims." *Newsday*, 2 Ago. 1992.
- JAGGAR, Alison. "Feminismo e justiça internacional". In: FAZENDO GÊNERO, 6, 2004, Florianópolis. Conferência.
- LEACH, Edmund. "La nature de la guerra". In: _____. *L'Unité de l'homme*. Paris: Gallimard, 1980. p. 299-320.
- MCLUHAN, Marshall. "Roads and Paper Routes." In: _____. *Understanding Media*. London: Routledge & Kegan Paul Ltd, 1964a. p. 89-105.
- MCLUHAN, Marshall. "Television – The Timid Giant." In: _____. *Understanding Media*. London: Routledge & Kegan Paul Ltd, 1964b. p. 308-337.
- _____. *Os meios de comunicação como extensão do homem*. São Paulo: Cultrix, 1969.
- _____. "A imagem, o som e a fúria". In: ROSENBERG, Bernard; WHITE, David Manning. *Cultura de massa: as artes populares nos Estados Unidos*. São Paulo: Cultrix, 1973. p. 563-570.
- NAHOUM-GRAPPE, Véronique. *Du revê de Vengeance à la haine politique*. Paris: Buchet/Chastel, 2003.
- RIAL, Carmen. "Guerra de imagens: o 11 de setembro na mídia". *Antropologia em Primeira Mão*, Florianópolis: PPGAS/UFSC, v. 64, p. 1-19, 2003.

- RIAL, Carmen S.; GROSSI, Miriam. "Os estupradores que viraram heróis". *Mulherio*, v. 32, p. 3-4, 1987.
- SAHLINS, Marshall. *Apologies to Thucydides: Understanding History as Culture and Vice Versa*. Chicago: University of Chicago Press, 2004.
- SINCLAIR, John; JACKA, Elizabeth; CUNNINGHAM, Stuart. "Peripheral Vision, World Regional Television Markets in the Satellite Age". *Revista Brasileira de Comunicação*, v. 19, n. 2, p. 13-21, jul./dez. 1996.
- SHOHAT, Ella; STAM, Robert. *Crítica da imagem eurocêntrica. Multiculturalismo e representação*. Tradução: Marcos Soares. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- SONTAG, Susan. *On Photography*. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1977.
- TESCARI, Adriana S. *Violência sexual contra a mulher em situação de conflito armado*. Porto Alegre: Sérgio A. Fabris Editor, 2005.
- UNITED NATIONS. *Report of the Special Rapporteur on the Situation of Human Rights in Kuwait under Iraqi Occupation*. Doc. E/CN.4/1992/26 (22 Nov. 1994).
- _____. *Report of the Special Rapporteur on Violence against Women, its Causes and Consequences*. Doc. E/CN.4/1995/42 (22 Nov. 1994).
- _____. *Report of the Special Rapporteur on Violence against Women, its Causes and Consequences*. Doc. E/CN.4/2002/83 (11 Feb. 2002).
- VARIS, Tapio. "The International Flow of Television Programmes." *Journal of Communication*, 34/1, 1984. p. 143-152.
- VIRILIO, Paul. *Esthétique de la disparition*. Paris: Balland, 1977.
- _____. *O espaço crítico*. Rio de Janeiro: 34 Literatura, 1993.
- _____. *A bomba informática*. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.
- WOLFF, Cristina Scheibe. "Le genre dans la guérilla: jeux de genre dans la lutte armée au Brésil des années 1960-1970". In: BERGÈRE, Marc; CAPDEVILA, Luc. (Dir.). *Genre et événement. Du masculin et du féminin en histoire des crises et des conflits*. Rennes, France: Presses Universitaires de Rennes, 2006. p. 119-136.

[Recebido em maio de 2006 e
aceito para publicação em outubro de 2006]

War of Images and Images of War: Rape and Sacrifice in the Iraq War

Abstract: *This article addresses one of the great issues about which global media remains silent: the rape of Muslim women by U.S. soldiers in Iraq. Contemporary mediascape is prolix. But some silences remain, such as the issue of rape during war. With an anthropological approach to the meaning of war and through the analysis of images, the article focuses on the participation of women in this male space.*

Key Words: *War; Rape; Photos; Sacrifice.*